



QUADRINHOS NO ENSINO DA GRAMÁTICA

NORMATIVA: POSSIBILIDADES DE USO PARA JEREMIAS – PELE



9

Comics in the teaching of normative grammar: possibilities of using Jeremias – Pele

AUTORES: Nataniel dos Santos Gomes e Wanessa Rodovalho Melo de Oliveira

Enviado: 10/06/2024

Aceito: 24/11/2024

Nataniel dos Santos Gomes

Nataniel dos Santos Gomes é Pós-doutor em Língua Portuguesa (UERJ), Doutor em Linguística (UFRJ), Professor na Graduação e na Pós-Graduação na UEMS e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (UFMS), líder do Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos (NuPeQ), Pesquisador da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS) e membro da Academia Brasileira de Filologia (cadeira 9).

Wanessa Rodovalho Melo de Oliveira

Doutoranda em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). É Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Possui graduação em Letras - com habilitação em Língua Portuguesa, Língua Espanhola e suas respectivas Literaturas, pela Universidade Católica Dom Bosco - UCDB. É integrante do NuPeQ – Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos, da UEMS.

Resumo

Este artigo tem como objetivo principal apresentar as diversas possibilidades de uso das HQs como suporte para a interpretação da gramática normativa nas aulas de Língua portuguesa. Para isso, outros dois objetivos foram elencados: conhecer a obra *Jeremias – Pele* (CALÇA; COSTA, 2018) e explorar os recursos didáticos da obra em questão. Como aporte teórico, utilizou-se a metodologia abordada na BNCC (BRASIL, 2017); buscou-se suporte em pesquisadores como Ramos (2009), Rama e Vergueiro (2012), que versam acerca das diversas possibilidades de aprendizagem em sala de aula por meio do uso das HQs; para a inserção da gramática normativa, Bechara (2009) foi o elemento norteador desta pesquisa, já que contribuiu para a análise sintática de elementos retirados da obra mencionada. A pesquisa da análise de texto foi direcionada por Marconi e Lakatos (2003), a fim de mostrar a relação que um texto pode apresentar como objeto de estudo escolar formal, desde que o plano de aula do professor assim o faça.

Palavras-chave: Ensino de Gramática; Histórias em Quadrinhos; Jeremias – Pele; Língua portuguesa.



Abstract

This article aims at showing the different possibilities of using comics as a support for the interpretation of normative grammar in Portuguese language classes. For this, two other objectives were listed: read the comic book *Jeremias – Pele* (CALÇA; COSTA, 2018) and to explore the didactic resources of this text. As a theoretical contribution, the methodology addressed in the BNCC (BRASIL, 2017) was used; support was sought from researchers such as Ramos (2009), Rama and Vergueiro (2012), who deal with the various possibilities of learning in the classroom through the use of comics; for the insertion of normative grammar, Bechara (2009) was the guiding element of this research, as he contributed to the syntactic analysis of elements taken from the mentioned work. The text analysis was made through Marconi and Lakatos (2003), in order to show the relationship that a text can present as an object of formal school study, if the provided teacher's lesson plan does so.

Keywords: Teaching; Comics; Jeremiah – Pele; Portuguese language.

Introdução

Houve um período em que as histórias em quadrinhos (HQs) não eram aceitas nas aulas pelos professores conservadores, pois não as consideravam como um gênero textual adequado em conformidade com a norma culta, que, segundo eles, deveria ser ensinada nas escolas. Os livros didáticos aceitaram a proposta de diferentes interpretações e oportunidade de conhecimento crítico quando as HQs integraram o documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC – BRASIL, 2017), como sugestão de gênero textual a ser estudado, fazendo assim com que assumissem um importante espaço em todos os componentes curriculares:

Atualmente, é muito comum a publicação de livros didáticos, em praticamente todas as áreas, que fazem farta utilização das histórias em quadrinhos para transmissão de seu conteúdo. No Brasil, principalmente após a avaliação realizada pelo Ministério da Educação a partir de meados dos anos de 1990, muitos autores de livros didáticos passaram a diversificar a linguagem no que diz respeito aos textos informativos e às atividades apresentadas como complementares para os alunos, incorporando a linguagem dos quadrinhos em suas produções. (RAMA; VERGUEIRO, 2012, p. 14).





A aceitação por parte dos alunos se deu desde as crianças na etapa do ensino fundamental até os adolescentes do ensino médio. Além disso, as HQs estão presentes nas provas de vestibular e concurso público, tanto no que se refere a interpretação como também na produção dos próprios quadrinhos. A parceria entre imagens e letras desperta a criatividade e a interação com esse gênero textual. Segundo Ramos (2009, p. 22), “quadrinhos seriam, então, um grande rótulo, um hipergênero¹, que agregaria diferentes outros gêneros, cada um com suas peculiaridades”. Desse modo, o professor precisa atentar-se às tendências que levam os alunos a participarem das aulas e, diante disso utilizar recursos tecnológicos para aprimorar esse conhecimento.

Em face ao exposto, alguns objetivos foram elencados para o desenvolvimento deste estudo, sendo o principal deles mostrar as diversas possibilidades de uso das HQs como suporte para a interpretação da gramática normativa nas aulas de Língua portuguesa, e para esse propósito, outros dois objetivos foram necessários: conhecer a obra *Jeremias – Pele* (2018) e explorar algumas classes gramaticais da referida obra.

A pesquisa apresenta caráter bibliográfico, que segundo Marconi e Lakatos (2003) é um tipo de pesquisa científica importante, haja vista tratar do levantamento do que já foi publicado sobre um determinado assunto, aqui no caso o enfoque é o ensino de HQs na sala de aula.

Temos como embasamento teórico, primeiramente, a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, conhecida como Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e a BNCC (BRASIL, 2017), pois direcionam o ensino dos componentes curriculares, inclusive da Língua portuguesa. No que diz respeito ao uso das HQs em sala de aula, Rama e Vergueiro (2012) e Ramos (2009) explanam sobre os instrumentos que constroem a sua produção como suporte para os professores desenvolverem suas aulas.

A partir dessa intenção, este artigo visa utilizar a HQs *Jeremias – Pele* (2018) para compreensão e uso dos quadrinhos alinhados ao ensino da gramática; para isso, algumas classes gramaticais foram escolhidas e embasadas por Bechara (2009) que usa definições normativas sobre substantivo, adjetivo, locução adjetiva, pronome, interjeição, artigo, numeral e verbo.

¹ O termo *hipergênero* é usado por Maingueneau em mais de uma obra (2004; 2005; 2006). O linguista defende que se trata de um rótulo que daria as coordenadas para a formatação textual de vários gêneros que compartilhariam diversos elementos. O autor cita como exemplo o caso do diálogo, presente em vários gêneros (RAMOS, 2009, p. 20).





Usar as HQs como um suporte de leitura para o desenvolvimento intelectual do aluno, não somente como linguagem verbal, mas também por meio da linguagem não verbal, tendo em vista compreender o que os quadrinhos podem representar, deve ser a preocupação do professor, isto é, dar subsídios para que a aprendizagem aconteça mediante todas as possibilidades que uma HQs possui ao ser explorada em sala de aula.

1. A proposta da BNCC para as HQs

A LDB n. 9.394/1996 estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, por meio das quais os currículos do ensino fundamental e médio devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da Língua portuguesa “como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania” (BRASIL, 1996, art. 36), assim como metodologias de ensino que estimulem a aprendizagem do estudante visando uma avaliação contínua que forneça práticas sobre os conhecimentos contemporâneos de linguagem.

Em consonância com essa lei está a BNCC, que tem como objetivo expressar “o compromisso do Estado Brasileiro com a promoção de uma educação integral e desenvolvimento pleno dos estudantes, voltada ao acolhimento com respeito às diferenças e sem discriminação e preconceitos” (BRASIL, 2017, p. 5).

O documento da BNCC (BRASIL, 2017, p. 68) cita as HQs como sugestão de gêneros artísticos a serem explorados em sala de aula, como:

[...] ampliação de repertório, considerando a diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas [...] e em suas múltiplas repercussões e possibilidades de apreciação em processos que envolvem adaptações, remediações, estilizações, paródias, HQs, minisséries, filmes, videominutos, games etc.

Ao observar o documento oficial acima, podemos entender que as HQs fazem parte da produção literária como ferramenta de apoio pedagógico para todas as disciplinas, tencionando interação entre a leitura, a produção e a interpretação. HQs como as da Mafalda estão presentes em concursos, vestibulares e na sala de aula, pois retratam em diversos âmbitos as condições sociais e políticas do sistema ao qual o texto se refere.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua portuguesa informam que a língua é “um sistema de signos históricos e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade” (BRASIL, 1997, p. 22); diante dessa afirmativa, a linguagem verbal ou não verbal apresentada nas HQs se faz presente na vida e na história dos alunos, de maneira a transparecer suas crenças e atitudes linguísticas por meio dos desenhos e das falas que podem representar suas identidade, assim como a visão do meio social no qual estão inseridos.





A LDB n. 9.394/1996 também propõe que o ensino de Língua portuguesa seja instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania, os quais podem ser explorados em atividades direcionadas às HQs que priorizem a participação ativa de criação, compreensão e interação entre os professores, alunos e as linhas tracejadas no processo de criação das histórias.

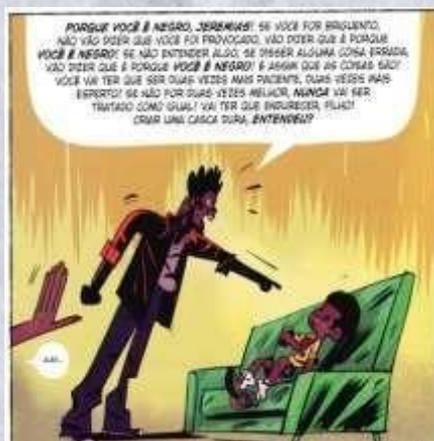
O professor poderá usar uma prévia de leitura e interpretação do texto *Jeremias – Pele* (2018) para abordar a construção dos quadrinhos, ou seja, a linguagem verbal e não verbal, o humor, a ironia, as expressões dos personagens, a pontuação e os balões, entre outros importantes elementos que fazem parte das HQs.

2. A representatividade da HQs *Jeremias – Pele* (2018)

A história retratada em *Jeremias – Pele* (2018) começa com o enredo de um garoto negro que desejava ser astronauta. Um dia, na escola, a professora propõe uma atividade coletiva, em que cada aluno deveria escolher uma profissão, escrever uma redação sobre ela e, no dia da apresentação, ir caracterizado do profissional escolhido. Jeremias percebeu a oportunidade de se realizar como astronauta, porém a professora achou que se tratava de uma profissão muito incomum e, que ele deveria ser um pedreiro, gerando comentários preconceituosos entre os alunos.

A frustração que o garoto sofreu fez com que se questiona-se: o porquê de ser escolhido como pedreiro. A mãe de Jeremias na tentativa de amenizar sua frustração conta que o seu avô era pedreiro e sentia muito orgulho dele, não deixando-o perceber que, provavelmente, a causa seria o tom da sua pele. Mas depois de uma discussão com outro garoto, que, frequentemente irritava Jeremias, seu pai contou que as ofensas recebidas na escola tinham relação com sua cor.

Figura 1: Preconceito



Fonte: (CALÇA; COSTA, 2018, p. 52).





O garoto estava vivenciando sua primeira realidade preconceituosa causada pelo racismo, o que o deixou muito triste, pois até então, não tinha noção do que significava ter uma pele negra em meio a vários colegas brancos. Ele entendeu que deveria se fechar, endurecer o seu coração e, provavelmente, se apagar como protagonista de sua trajetória. O cenário mostra a fúria do pai e o descontentamento de Jeremias em ouvir suas ásperas palavras: teria que ser melhor que todos e sempre estaria submetido a olhares desconfiados.

Jeremias não entendeu o que seu pai quis dizer sobre a necessidade de criar uma casca. No entanto, no decorrer da trama percebeu que não deveria ser melhor do que ninguém, mas, melhor do que ele mesmo, pois na verdade não se tratava de uma questão de humilhar os outros, e sim de se destacar por suas qualidades, conforme relato em que afirmou tirar as melhores notas da sala, única e exclusivamente por causa de sua dedicação e não por uma questão de pele. Diante dessas palavras, a professora se envergonhou da sua atitude, entretanto, Jeremias cresceu diante da turma, apresentando-se como uma pessoa cheia de expectativas e não condicionada a se trancar para as oportunidades devido ao que falavam e pensavam sobre ele.

A proposta deste artigo é de expor a HQs *Jeremias – Pele* (2018) para abordar alguns dos elementos da análise morfológica presentes nessa obra. Contudo, antes de iniciarmos as propostas pedagógicas para as aulas, frisamos que é importante o professor trabalhar, primeiramente, com a história do personagem Jeremias, um garoto que sofre *bullying* na escola pelo fato de ser negro. Nesse contexto, pode-se explorar o enredo com questionamentos reais, como a prática do preconceito linguístico, social e racial sofridos pelo protagonista, abrindo um leque de interações entre o professor, o aluno e a escola, voltadas para essas práticas às quais têm sido expostas ao combate do preconceito.

Para Rama e Vergueiro (2012), o professor deve orientar os alunos no trabalho com as HQs, e para isso deve motivá-los a participarem, bem como direcioná-los a encontrarem sentido na vivência da atividade, conforme proposta do professor. Diante dessa intenção, é importante que o material a ser estudado faça parte do planejamento e da execução das aulas.

Acreditamos que a obra *Jeremias – Pele* (2018) faça parte das narrativas de muitos alunos que, em algum momento, já sofreram *bullying* na escola, seja por seu sotaque, sua condição social, crença religiosa ou política, opção sexual, além de outros *tabus* presentes na rotina do ambiente escolar.



1 A gramática presente na HQs



Há muitas especulações em como ensinar a gramática normativa em sala de aula, até onde o professor pode interferir na oralidade produzida pelo aluno, assim como trazer significância ao que é ensinado na escola para que o mesmo possa usufruir dessa aprendizagem em diversas situações de sua vida. Sobre isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua portuguesa (BRASIL, 1997, p. 16) explanam que:

O estudo gramatical aparece nos planos curriculares de Português, desde as séries iniciais, sem que os alunos, até as séries finais do Ensino Médio, dominem a nomenclatura. Estaria a falha nos alunos? Será que a gramática que se ensina faz sentido para aqueles que sabem gramática porque são falantes nativos? A confusão entre norma e gramaticalidade é o grande problema da gramática ensinada pela escola. O que deveria ser um exercício para o falar/escrever/ler melhor se transforma em uma camisa de força incompreensível.

Diante desse impasse, o professor deve buscar recursos para que o ensino de gramática não seja essa camisa de força, conforme citado no documento acima, para que não aconteça de forma robotizada ou até mesmo estática acerca do que, e como ensinar a gramática normativa.

Pensando nas possibilidades sobre o ensino da gramática, as HQs é uma proposta divertida que utiliza a linguagem verbal e não verbal de maneira descontraída por meio do uso da semiótica, despertando o interesse pelas formas, cores e significados das histórias. Em razão disso, Palhares (2013, p. 4) entende que:

As histórias em quadrinhos podem ser utilizadas para introduzir um tema, para aprofundar um conceito já apresentado, para gerar discussão a respeito de um assunto, para lustrar uma ideia. Não existe regras para sua utilização, porém, uma organização deverá existir para que haja um bom aproveitamento de seu uso no ensino podendo desta forma, atingir o objetivo da aprendizagem.





A seguir, fazemos uma exposição de como podemos trabalhar com a gramática retirada dos quadrinhos. Essa intervenção de trabalhar o texto e os elementos gramaticais em um único recurso possibilita ao aluno conhecer o texto por completo, sem frases soltas ou sem sentido. A BNCC (BRASIL, 2017) cita que os alunos devem ser instigados a terem vivências significativas, a partir de conteúdos desenvolvidos em projetos para se tornarem protagonistas com ideias e propostas relevantes para a sua aprendizagem e projeto de vida.

Os aspectos gramaticais constantes nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua portuguesa (BRASIL, 1997) norteiam o professor, como destacado na citação a seguir:

[...] partir do que os alunos já sabem sobre o que se pretende ensinar e focar o trabalho nas questões que representam dificuldades para que adquiram conhecimentos que possam melhorar sua capacidade de uso da linguagem. Nesse sentido, pretende-se que o aluno evolua não só como usuário, mas que possa assumir, progressivamente, o monitoramento da própria atividade linguística (BRASIL, 1997, p. 60).

Dessa forma, pretendemos estimular o engajamento da aprendizagem para que os alunos experimentem vivenciar o seu protagonismo de maneira crítica e centrada sobre qualquer assunto, considerando ampliar a visão que possuem deles mesmos e do mundo para favorecer suas escolhas de leitura e se sensibilizarem com as escolhas dos demais colegas.

Segundo Torres Filho (2005, p. 36):

[...] vale considerar que existem formatos extremamente variados de HQs, que abordam todo tipo de tema possível e que são produzidos visando a públicos variados. Nesse sentido, pode-se afirmar que o mundo dos quadrinhos é tão amplo e diversificado como o do cinema, da música e da literatura.

Após conhecer o perfil dos alunos, é importante selecionar as HQs que agregarão conhecimento ao público escolhido, sendo essa uma possibilidade do professor explorar o universo colorido dos quadrinhos, ou ainda, como suporte de ensino. Nessa esteira de ideias, o professor deve esperar que seus alunos evoluam no processo de aprendizagem e que “As histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando o senso crítico” (RAMA; VERGUEIRO, 2012, p. 21), de maneira que percebam que em qualquer tipo de texto há uma possibilidade de leitura.



1.1 Substantivo

Segundo Bechara (2009, p. 93) o substantivo é:

[...] a classe de lexema que se caracteriza por significar o que convencionalmente chamamos objetos substantivos, isto é, em primeiro lugar, substâncias (homem, casa, livro) e, em segundo lugar, quaisquer outros objetos mentalmente apreendidos como substâncias, quais sejam qualidades (bondade, brancura), estados (saúde, doença), processos (chegada, entrega, aceitação).

O substantivo faz parte das “categorias gramaticais” que, segundo Bechara (2009), pode representar vários termos, como nome, pronome, sintagma nominal, oração nominalizada. No caso da imagem, no primeiro balão, o substantivo *pai* tem valor de sujeito da oração; sobre ele o autor explica: “uma palavra não é um substantivo porque funciona como sujeito, mas, ao contrário, pode ser sujeito porque é substantivo ou pode aparecer como tal” (BECHARA, 2009, p. 91).

Figura 2: Substantivo



Fonte: (CALÇA; COSTA, 2018, p. 41).

A classificação dos substantivos também pode ser explorada em todo o texto *Jeremias – Pele* (2018), tendo em vista reconhecermos que “[...] processo de ensino aprendizagem é um desafio constante, com a procura por mecanismos que venham facilitar esse processo” (SEVERO; SEVERO, 2015, p. 2). Desse modo, segundo análise dos autores, retirar os substantivos e classificá-los em um texto que é comum à idade dos alunos, pode fazer com que percebam os substantivos presentes em toda parte e em qualquer tipo de texto.

Os substantivos que estão nos balões são: pai – substantivo masculino comum, no singular –; tabela – substantivo feminino simples, no singular –; e desculpa – substantivo feminino comum, no singular.





Na cena apresentada na figura acima, os autores usaram o recurso chamado de metáforas visuais, responsável em fazer com que o leitor interprete o texto sem o uso dos balões. Tal recurso visual é transmitido em quadrinhos passíveis de interpretações, como nas imagens em que as cores e as expressões faciais mostram um momento de discórdia e nervosismo entre os personagens, dando a impressão de que as cenas seguintes mostrarão uma briga corporal, remetida a imagem de um soco.

1.2 Adjetivo

O adjetivo faz parte das chamadas “categorias gramaticais” da língua. Segundo Bechara (2009), além do adjetivo, existem os substantivos, verbos e os advérbios. Para o gramático, são categorias porque são dotadas do significado categorial, isto é, têm características de lexemas, sintagmas e orações inteiras; isso mostra que uma mesma palavra pode ser classificada de diferentes maneiras, a depender de sua posição ou sentido na oração. Na figura a seguir, o substantivo *pedreiro* é qualificado de acordo com os seguintes adjetivos: trabalhador, inteligente e generoso.

Figura 3: Adjetivos



Fonte: (CALÇA; COSTA, 2018, p. 26).

À luz da obra, as adjetivações têm um papel de requalificar, de forma positiva, a atuação profissional de um pedreiro, no caso, exemplificado pelo papel do avô de Jeremias, o qual exercia essa profissão. A mãe usa da oratória de convencimento para despertar no filho o interesse e a importância da profissão, exaltando as características do pai, que não se torna inferior por ser um pedreiro. Nesse contexto, os alunos podem ser convidados a usarem as profissões (substantivos) que gostariam de exercer, intencionando assim dar adjetivos para qualificá-las.

Na BNCC (BRASIL, 2017) uma das habilidades abrange os adjetivos, as locuções ou as orações adjetivas, para que a análise de diferentes gêneros textuais possa ter diferentes recursos gramaticais ao incremento da compreensão e da criatividade e ao manejo adequado desses elementos nos textos produzidos, considerando os contextos de produção.



1.3 Locução adjetiva

No texto *Jeremias – Pele* (2018) encontramos várias locuções adjetivas, que, segundo Bechara (2009, p. 123) são “a expressão formada de preposição + substantivo ou equivalente com função de adjetivo”. No caso, a locução apresentada na imagem é *guardião da noite*, em que *guardião* é um substantivo, *da* é a contração da preposição *de* + o artigo *a*, e *noite* é uma palavra substantiva que toma valor de adjetivo, formando assim, uma locução adjetiva oriunda do adjetivo noturno.

Figura 4: Locução adjetiva



Fonte: (CALÇA; COSTA, 2018, p. 27).

Trabalhar a locução adjetiva ou qualquer outro tema usando as HQs mostra que os quadrinhos passaram por uma evolução que tem ultrapassado a intencionalidade de sua criação. Antigamente acreditava-se ser pouco provável que sua funcionalidade sairia do meio jornalístico ou dos gibis para adentrarem nas escolas, assim como a possibilidade de unir a proposta didática desse gênero com aulas de qualquer disciplina; para além disso, pouco se acreditava que o ensino da gramática pudesse mudar tanto, isto é, sair do decorar para “ter” e “dar” sentido à vida do aluno.

1.4 Pronome

O pronome corresponde a palavra que acompanha ou substitui o nome, que, no caso, são os substantivos. Os pronomes são substantivos, adjetivos, advérbios e – em algumas línguas que não o português – até verbos (BECHARA, 2009, p. 92). O gramático explica ainda o conceito de pronome:



[...] a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em número limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto. De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso (BECHARA, 2009, p. 138).

Figura 5: Pronome



Fonte: (CALÇA; COSTA, 2018, p. 51).

Na figura acima, há vários pronomes: na primeira parte, o pronome pessoal do caso reto: *eu*; na segunda parte, *quê* desempenha a função de pronome interrogativo. O pronome oblíquo *me* segue com outros pronomes, como *ele*, *você*.

No primeiro balão, o pronome *eu* refere-se ao pai. No segundo balão, o pronome interrogativo *quê* direciona a pergunta direta feita por Jeremias ao seu pai. No mesmo balão, o pronome *me* é oblíquo átono por ter uma entonação fraca, e que por vezes pode exercer a função de pronome reflexivo. O pronome pessoal *ele* representa o garoto que praticou a ação de agredir Jeremias e *você*, também pronome pessoal, remete-se ao pai do protagonista.

As cores possuem representatividade nas HQs, haja vista serem elementos cruciais que marcam uma cena expressiva de discussão entre o pai e o filho. Tanto o fundo quanto a cor que o pai foi colorido nos remete a ideia de nervosismo, já na expressão facial de Jeremias, podemos perceber a sensibilidade e tristeza do protagonista, pois o plano de fundo da cena proporciona a análise de uma discussão que, provavelmente, acarretará em distanciamento emocional entre os personagens.



1.5 Interjeição



Interjeição é a expressão com que traduzimos os nossos estados emotivos. Têm elas existência autônoma e, a rigor, constituem por si verdadeiras orações. Em certas situações, algumas podem estabelecer relações com outras unidades e com elas constituir unidades complexas (BECHARA, 2009, p. 277).

Bechara (2009) reparte as interjeições em quatro tipos, sendo: certos sons vocálicos que na escrita se representam de maneira convencional; palavras já correntes na língua; palavras que procuram reproduzir ruídos de animais ou de objetos; e, por último, as locuções interjetivas.

Figura 6: Interjeição *ah*



Fonte: (CALÇA; COSTA, 2018, p. 13).

Na primeira parte da figura acima, a interjeição *ah* representa uma admiração, a qual se classifica no primeiro tipo estabelecido por Bechara (2009), ou seja, som vocálico que na escrita se representa de maneira convencional: *ah!*, *oh!*, *hui!*, *hum*. A letra *h* no final pode marcar uma aspiração, alheia ao sistema do português. O uso da interjeição *ah* no balão, indica som vocálico de admiração que Jeremias expressa pela beleza de sua mãe e pelo fato dela gostar muito de manteiga. Na segunda imagem – *ha*, *há* – a sonoridade é de um riso, de alegria e concordância com o que o filho disse.

Outras interjeições são encontradas na *graphic novel Jeremias – Pele* (2018), como *nossa*, *hum*, *clic*, *humpf*, *uau*, *heim*, *vixe*, *há há*. Bechara (2009) as classifica conforme a situação em que se apresentam, como chamamento (*psiu*), dúvida, suspeita ou admiração (*hein*). “As interjeições são proferidas em tom de voz especial, ascendente ou descendente, conforme as diversas circunstâncias dos nossos estados emotivos” (BECHARA, 2009, p. 278).

A análise dessa figura demonstra uma situação cotidiana que sem o uso dos balões percebemos uma certa alegria num momento comum, que é a refeição em família. As expressões faciais passam uma ideia de que a família é unida, parecendo até uma propaganda de TV que valoriza a imagem da família tipicamente feliz.





Bechara (2009, p. 130) define artigo definido, ou, simplesmente definido por “o, as, os, as que se antepõem a substantivos, como reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos”, isso significa que o artigo está localizado na oração juntamente com o substantivo. Ainda segundo colocações do autor:

[...] o artigo definido identifica o objeto designado pelo nome a que se liga, delimitando-o, extraíndo-o de entre os objetos da mesma classe, como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte – quer através do discurso (que dele faz menção), quer pela “dêixis” (que o mostra, ordenando-o espacial e temporalmente), quer pelo contexto idiomático, no qual a palavra é, quando não ulteriormente determinada, nome de conceito ou de toda uma classe de objetos. (BECHARA, 2009, p. 131)

No balão do quadrinho acima, é possível encontramos o artigo definido o, já que ele acompanha o substantivo *projeto*, definindo a qual projeto o falante está se referindo, e que a pessoa que ouve já conhece o projeto que ele está citando. No caso, pela observação de Bechara (2009), o projeto do pai de Jeremias é como aquele que já foi (ou será imediatamente) conhecido do ouvinte, no caso, a sua esposa.

A gramática não pode mais ser ensinada de maneira engessada, em que o aluno memoriza as regras e aplica as resoluções das atividades em questões de múltipla escolha. Esse ensino tradicional de memorizar e registrar as respostas exatamente conforme o professor corrige a atividade, já não se enquadra mais no saber interpretar e entender a função de cada palavra, bem como o contexto a qual ela está inserida.

Como veremos na próxima figura, reconhecer um artigo indefinido é tão importante quanto saber identificá-lo dentro do sentido da frase, tendo em vista que algumas palavras pertencentes às classes gramaticais podem mudar de sentido, conforme a função que desempenham e o valor que exercem no enunciado.

Figura 9: Artigo indefinido



Fonte: (CALÇA, COSTA, 2018, p. 24).





Segundo Bechara (2009, p. 130), os artigos indefinidos “[...] funcionam como adjunto de substantivo, mas que do autêntico artigo diferem pela origem, tonicidade, comportamento no discurso, valor semântico e papéis gramaticais.” Quando o garoto ridiculariza Johnny por ter um comportamento imaturo semelhante à de um bebê, não quer dizer que ele seja um bebê e nem que esteja referindo-se a um bebê específico, mas sim ao seu comportamento.

Vale destacar que segundo o Parâmetros Nacionais de Língua portuguesa torna-se importante o aluno:

Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meio de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação (BRASIL, 1997, p. 6).

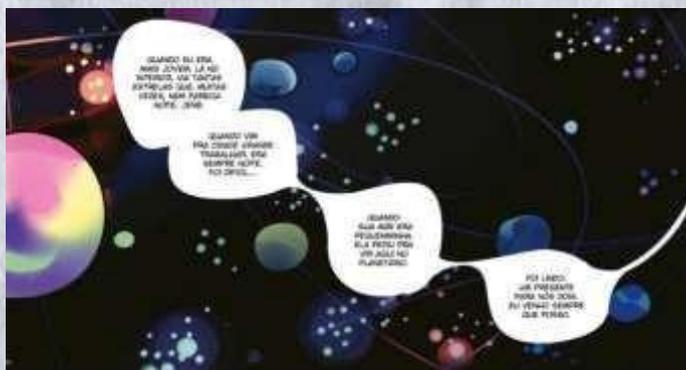
Além de usar a gramática interpretativa em relação ao artigo indefinido, o professor pode explorar outras informações apresentadas nesse trecho dos quadrinhos, como a linguagem não verbal, a linguagem corporal e o comportamento dos integrantes na imagem.

As expressões faciais dos personagens mostram como cada um reagiu a comparação feita, sendo uma de sarcasmo, uma de contentamento, uma de espanto e a do outro, Johnny, de surpresa. O uso do artigo indefinido *um* na oração anterior, foi usado para exemplificar o que cita o gramático: “*Um* ocorre como correlativo de outro em sentido distributivo.” (BECHARA, 2009, p. 137).

1.7 Numeral

O numeral possui a função de quantificar, dando valor a algum substantivo que pode ser variável de gênero, como por exemplo, *dois* ou *duas*, e número, *uma* ou *umas*. Segundo Bechara (2009, p. 167), é a “palavra de função quantificadora que denota valor definido.” como mostra a figura abaixo:

Figura 10: Numeral



Fonte: (CALÇA; COSTA, 2018, p. 80).





O numeral encontrado nesse trecho é *dois*, e se refere a quantidade de pessoas, no caso a mãe de Jeremias e seu avô. Classificado como cardinal, por exprimir uma quantidade, Bechara (2009) ainda acrescenta o termo numerais simples, como *um*, *dois*, *três*, e outros que possuem um único radical. E o número cardinal “pode às vezes ser empregado para indicar número indeterminado” (BECHARA, 2009, p. 61), como na imagem que ilustra a mãe de Jeremias ao comentar sobre quando percebeu *umas* negras lindas. *Umas*, indica um número indeterminado de negras lindas.

Figura 11: Ordinal indeterminado



Fonte: (CALÇA; COSTA, 2018, p. 61).

O exemplo de ordinal indeterminado é pouco explorado nas aulas de Língua portuguesa e esse trecho do quadrinho foi assertivo ao exemplificar, na prática, essa representatividade. As HQs contribuem para a significância da aprendizagem em seu sentido real, nas falas do cotidiano em que os alunos podem perceber a funcionalidade de cada palavra, ou a sua classificação. Isso significa que o aluno é estimulado a perceber o sentido do que ele mesmo fala e lê em consonância com as regras gramaticais, servindo de estímulo ao interesse, tanto do professor, ao ensinar, quanto do aluno, a usar o que se aprende ao longo da vida.



1.8 Verbo

Verbo é a classe gramatical que indica ação, estado ou fenômeno da natureza. Bechara (2009, p. 173) explica que, de maneira geral, verbo é “a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical.” Nos quadrinhos é possível constatar vários verbos flexionados de acordo com o modo, tempo, número e pessoa. O verbo escolhido para análise foi a forma *falaram*, oriundo do verbo no infinitivo falar, verbo regular, conjugado na terceira pessoa do plural – eles/elas, modo verbal indicativo, no tempo pretérito perfeito, representando uma ação concluída no passado.

Figura 11: O verbo falar



Fonte: (CALÇA; COSTA, 2018, p. 50).

Bechara (2009, p. 174) explica que há categorias que sempre estão ligadas, “[...] não se separa a ‘pessoa’ do ‘número’ nem o ‘tempo’ do ‘modo’; isto ocorre em grande parte, senão totalmente, com o ‘tempo’ e o ‘aspecto’”, contudo, não seria possível separar a pessoa exposta na figura, sendo a terceira do seu número – o plural. Conforme colocações do autor, as categorias verbais são:

Gênero (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade qualificadora. Em geral, não necessita marca especial. No português, aparece apenas na voz passiva (*o livro foi escrito / a novela foi escrita*). Já no latim, é um morfema típico do particípio; também se manifestava em construções com objeto direto no português até entre os séculos XVII e XVIII, quando desapareceu definitivamente (“[Inês de Castro] *tem pisada a areia ardente*, Camões). Vigora ainda hoje no francês e no italiano (*je l’ai écrite [la lettre], l’ho scritta*).

Número (PC) – Refere-se aos participantes no acontecimento comunicado e daí adquire capacidade quantificadora. No português e demais línguas românicas, está sempre ligada à pessoa no verbo flexionado ou finito e, em parte, também na forma verbal infinita (port. *O dizê-lo eu*, esp. *el decirlo yo* – “o fato de que eu o diga”). Aparece sem pessoa apenas em uma forma infinita, novamente o particípio (*visto – vistos*).

Pessoa (PC/PF) – Determina a relação dos participantes no acontecimento comunicado com os participantes no ato de fala. Primeira pessoa: coincidência do participante no acontecimento comunicado (PC) com o falante (só em parte também, quando se trata do plural); segunda pessoa: coincidência PC com o ouvinte; terceira pessoa: PC não coincide com nenhuma das duas pessoas.



Estado (AC) – Afeta a qualidade lógica do sucesso comunicado (*afirmativo, negativo, interrogativo, negativo-interrogativo*). No português e demais línguas românicas, o estado é mais uma qualidade da oração; mas, às vezes, exige também uma forma verbal especial no âmbito da sintaxe (inversão), ou também no âmbito da morfologia (imperativo – imperativo negado: *canta/não cantar, canta/não cantes*; gerúndio – gerúndio negado; participípio – participípio negado).

Aspecto (AC) – Segundo Jakobson, assinala a ação levada até o fim, isto é, como conclusa perfeita) ou inconclusa (imperfeita). Certas espécies de ação, como *durativa, incoativa (ingressiva), terminativa, iterativa, etc.*, são apenas subdivisões desta categoria.

Tempo ou nível temporal (AC/AF) – Assinala a relação temporal do acontecimento comunicado com o momento do ato de fala; o presente encerra este momento, o passado é anterior, e o futuro ocorrerá depois deste momento:

Voz ou diátese (PC/AC) – Determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes. O primeiro participante lógico, o sujeito, pode ser agente do acontecimento (*voz ativa*) ou objeto do acontecer (*voz passiva*), ou agente e objeto ao mesmo tempo (*voz média*, incluído o *reflexivo*). (BECHARA, 2009, p. 176, grifos do autor)

O autor ainda comenta que uma ação pode surtir dois tipos de efeitos com resultado, que ele chama de resultativa; ou sem resultado, chamada de não resultativa. No caso da figura 11, notamos que Jeremias sofre com as coisas que os colegas falam, tendo um resultado subjetivo, quando afeta o sujeito por meio de uma ação efetiva. Conhecendo o contexto dessa HQs, somente pela ilustração dessa cena, percebemos o semblante de abatimento de Jeremias acerca do preconceito racial que sofreu, mas o que torna a história mais sensível é o fato dele não ter percebido que todas as implicâncias eram decorrentes da cor de sua pele.

Ramos (2009) comenta que o corpo fala, e que tanto a postura do corpo quanto as expressões faciais podem dar algumas informações sobre a situação do personagem, nesse caso, Jeremias transparece ao leitor a emoção e transmite tristeza em seu olhar. A cor do plano de fundo também passa uma informação de frieza, o personagem está estático e melancólico. A imagem de Jeremias é realista, buscando sensibilizar o leitor a se envolver nesse momento de nostalgia do personagem. O tamanho que seu rosto foi ilustrado, a posição do seu desenho e a proporção do quadrinho mostra que ele está num canto, diferente da imagem final da história, a qual Jeremias cresce quando apresenta para a sala o seu texto sobre a profissão que a professora escolheu para ele.

Além da parte gramatical, comentada sobre o verbo, as demais informações sobre o ambiente e movimento do personagem pode ser explorado para que o aluno não só identifique qual é o verbo presente no balão, como também tenha um olhar crítico após analisar toda a imagem para buscar o seu complemento no espaço e tempo apresentados.



Conclusão

As HQs já fazem parte do repertório dos professores de Língua portuguesa e de outros que querem trazer para as suas aulas dinamicidade e interação entre o texto e seus sentidos.

Observamos que as HQs podem ser trabalhadas para iniciar e aprofundar o conteúdo exposto pelo professor como uma ferramenta fundamental para todas as etapas de ensino, inclusive aquelas em que os alunos estão no início da alfabetização, uma vez que é possível interpretar e contar a história por meio das imagens pelo fato das HQs serem textos multimodais.

A junção de elementos gramaticais como o uso da morfologia apresentada, além do ensino léxico-gramatical tem a intenção de atrair a atenção dos alunos em buscarem novas significâncias em suas leituras, para que, como resultado final, as HQs sirvam de motivação para resgatar a atenção e despertar o aprimoramento da leitura e interpretação de texto por parte dos alunos.

Professores que trabalham com as HQs nas aulas tendem a ter sucesso e mais participação dos seus alunos, pois, além dos recursos já expostos neste texto, os alunos podem dialogar com as histórias, conforme sugestão deste artigo, utilizando a obra *Jeremias – Pele* (2018), a qual traz vários temas que podem ser trabalhos por abordar situações cotidianas nas escolas que precisam ser conversadas, como o *bullying* e o preconceito racial.

Entendemos que o professor desempenha um papel importante na construção crítica de seus alunos, e as HQs mostram que mesmo os temas propostos pela gramática normativa podem servir de preparação para as provas que os alunos farão em avaliações internas e externas.



Referências

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed., rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, seção 1, p. 27833, 23 dez. 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: SEF, 1997.

CALÇA, R; COSTA, J. **Jeremias: Pele**. Roteiro: Rafael Calça; Arte: Jefferson Costa. Barueri, SP: Panini Brasil, 2018.

PALHARES. M. C. História em Quadrinhos: Uma Ferramenta Pedagógica para o Ensino de História. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2262-8.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2023.

RAMOS, P. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SEVERO, D. F.; SEVERO, M. F. da S. As HQS como ferramenta pedagógica em sala de aula. **Revista Incelências**, v. 4, n. 1, p. 1-13, jan./jun. 2015.

TORRES FILHO, J. H. As Histórias em Quadrinhos no Ensino Médio. *In: Revista Linha Direta: Educação por escrito*. p. 36 - 37, 01 dez. 2015.

